

Assignatura

Assignatura em Ovar, semestre 500 rs.
Com estampilha..... 600 rs.
Fóra do reino accresce o porte do correio.
Annunciam-se obras litterarias em oca de dous exemplares.

Pagamento adiantado

Redacção
Rua d'Arruella n.º 119

O POVO D'OVAR

DIRECTOR—FRANCISCO FRAGATEIRO

Publicações

Publicações no corpo do jornal a 60 rs a linha.
Annuncios e communicados 50 rs. linha.
Repetições..... 20 rs. alinha
Annuncios premanentes 5 " " " "
Folha avulso..... 40rs

Administração
Rua d'Arruella n.º 119

A questão vinicola

É hoje licito duvidar da significação de todas as manifestações populares, das causas que as produziram e do fim a que visam. No meio do alarido distingue-se a voz do commando dos ambiciosos politicos ou dos syndicateiros—duas classes que se intermettem em tudo e que tudo desvirtuam.

Viram todos o levantamento quasi geral da região do Douro. Esta região arvorando a *bandeira negra*, dizendo-se a morrer de fome, pedia instantemente ao governo, que a salvasse, concedendo privilegios a uma companhia especialmente destinada a comprar-lhe os vinhos e a acreditar-os no estrangeiro. A's reuniões populares que então se fizeram accorriam milhares de pessoas, concelhos inteiros, como diziam os telegrammas.

A companhia formou-se, então em combinações com o ministerio, ia a principiar no exercicio das suas funções quando os negociantes do Porto se levantaram, protestando contra os privilegios concedidos. O primeiro contracto com a companhia foi revogado, estabeleceu-se segundo, admittindo em parte as reclamações dos negociantes de vinhos.

Porem estes nem assim desistiram da opposição formal á companhia. E o ministerio vendo que nem conciliava as duas partes nem conseguia fazer-se obedecer pe-

los commerciantes do Porto, manteve o contracto, começando a companhia a comprar os vinhos e a organizar o deposito em Berlim, como lhe fora imposto por parte do governo.

O Douro, depois da assignatura do contracto e depois de terminar a grève do Porto, abandonou a sua attitude de pretendente, deixou que na maior parte dos circulos as eleições corresse a vontade do ministerio, ou pelo menos não fez figurar nelas o elemento economico; os commerciantes, ao contrario; aguardaram o periodo eleitoral para mais uma vez mostrar, não já ao governo, mas ao rei, o seu profundo desgosto. Gaya foi o centro das suas operações, e Gaya elegeu um deputado republicano e jornalista, que sempre tinha acompanhado as pretensões do commercio de vinhos, enquanto, no Porto, o Centro Commercial apoiou a candidatura do deputado opposicionista. E' facil de prever como aquelle facto desgostaria os monarchas portuguezes tanto mais que o commercio de um momento para o outro, em virtude dos agravos recebidos, se poderia tornar o foco de activa propaganda republicana, tendo como seu centro a segunda cidade do paiz, conhecida até agora pelas suas idias avançadas.

Fóra o ministerio o unico culpado, pois exasperara aquella importantissima classe já com respostas ambigüas, já recommendando ao seu delegado, que aquella molestia social applicasse a massagem e sangria.

Os nossos commerciantes foram bem mais coherentes do que os grandes lavradores do Brazil. Aquelles voltaram para a Republica, ainda que momentaneamente, para combater um privilegio que é apannagio das monarchias absolutas: estes seguiram a mesma corrente como protesto contra a liberdade pessoal.

O facto é que os resultados eram perfeitamente eguaes—ambas as classes seguiam o caminho da resolução politica.

Tempos depois das eleições a classe dos commerciantes de vinhos principiou a agitar-se novamente, instando com o governo para responder ao que já estava respondido; isto é, ia começar nova lucta entre os interesses feridos e os privilegios concedidos.

Foi então que rebentou inesperadamente, no Brazil a revolta, proclamando sem opposição a republica. Isto foi uma lição viva para todas as monarchias. E' possivel que o sr. D. Carlos, chamasse a attenção do seu governo para a America do sul, recommendando mais prudencia na administração dos negocios internos: é possivel que o sr. D. Carlos, como interessado na causa, que ha tanto tempo, se debatia, reprovasse por completo o remedio da sangria applicado a classe tão importante e poderosa.

Passado muito pouco tempo os commerciantes do Porto viram, não sem admiração, que as suas pretensões eram satisfeitas;—o ministerio, o grande defensor da companhia vinicola, fingindo con-

formar-se com a consulta da procuradoria geral da corôa, annullava o contracto com o fundamento da companhia se não ter constituido durante o praso fixado!

O ministerio opinara sempre pela validade do contracto, defendera-o nas camaras contra as invectivas da opposição, sustentara na sua imprensa que a formação da companhia havia de ser a causa do desenvolvimento, e florescencia da agricultura, chegará mesmo a escarnecer a ultima reunião do Centro Commercial em que os commerciantes resolveram levantar novamente a questão dos vinhos; como é que agora tem a rara coragem de se desdizer de tudo e de engulir as affrontas que dirige?

A attitude sempre energica dos negociantes operou tal milagre.

Em que ficaram as imponentes reuniões do Douro?

Não é verdade que só a companhia vinicola com os seus privilegios e subsidios iria arrancar da miseria aquella outr'ora rica região vinicola? Não foi para obrigar o ministerio a assignar o contracto contra a opposição de uma classe preponderante, que os do Douro bradaram por socorro reunidos varios concelhos?

E agora que o ministerio extinguiu essa companhia salvadora, que fazem os lesados?

Cousa nenhuma. O Douro ficou silencioso como se não fosse interessado.

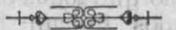
Isto dá a conhecer que nas imponentes reuniões do

Douro, que os jornaes annunciam e descreveram, o povo era simplesmente o instrumento nas mãos de alguns ambiciosos, ou, quando muito, tinha-se deixado illudir a respeito dos beneficios, que lhe haviam de provir d'uma sociedade exploradora.

O resultado das reuniões de agricultores vincolas veio trazer mais uma desillusão:—nos protestos e reuniões populares deve procurar-se antes de tudo os instigadores á ordem dos quaes o povo se reúne, e por elle se deve afferir da importancia e da significação do protesto.

A corôa e o ministerio tinham pois razão de se collocar ao lado da classe commercial. Esta ao menos podia nas camaras por intermedio do seu representante e nas praças pesar bastante e talvez impellir os seus muitos deputados para o caminho da revolta.

E como os tempos não correm favoraveis para as monarchias, é bom affastar escolhos em que possa bater a não do Estado.



Coisas municipaes

O afastamento systematico do partido regenerador da urna deu o resultado de o grupo *limonada* pôr de parte os caceteiros para collocar á sua frente o vendido de hontem, o homem que amanhã ha-de arrastar os futuros ve-readores municipaes a con-

FOLHETIM

A MORTE DE ROSINHA

A CLARICE B...

Minha amiguinha adorada.—Hontem á noite em quanto a tua mamam bordava á luz do candieiro uma touca de inverno para ti e tu pae fazia paciencias, sentado com dois dos seus amigos ao canto em que está a mesa do jogo por baixo da étágere dos livros bonitos, tinhas-te encostado tu ao braço da minha poltrona, e ali, ao pé do fogão depois de termos estado a ver todas as figuras da «Illustração Franceza.» pediste-me que te contasse uma historia.

—Mas uma historia verdadeira! acrescentaste, sacudindo para traz os cabellos e pondo em mim os teus olhos, serios como quando me ralhas e me sacodes, por eu ficar ás vezes pensativo e calado a olhar para as fatiças que deita o lume.—Quero uma historia triste. As historias que fazem

rir são pêtas. Has-de-me contar um conto que me obrigue a scismar como pessoas crescidas quando principiam a dizer os casos que lhe succederam.

Foi assim que me fallaste, e eu promettite debaixo da minha palavra de honra que me lembraria hoje da historia que tu querias.

Aqui a trago escripta n'este papel. Quero regalar-me de t'a ouvir ler com a engraçada pronunciasinha dos teus oito annos. Quando as pessoas grandes leem o que eu escrevo, sorrio por fóra mas não imaginas como estou por dentro de encanização e de birra! Se nunca lhe fazem as pausas nem lhe dão as intenções que eu tinha!... Quando tu lês, então, sim. Quando tu me gaguejas, me syllabas, e até (aqui para nós) me solettras de quando em quando, com a tua alegre, vibrante e fina, figura-se-me ouvir chilrear uma revoada de passarinhos, que me dão bicadas no pensamento e me esvoaçam com elle pelos ceus.

Rosinha, a dama da minha

historia, tinha sete annos. Era loira como tu, e tinha os olhos ainda maiores e mais azues. Aquella parte do ceu que todas as crianças teem dentro das suas cabecinhas, e que lhes desafoga no sorriso e no olhar, saçia-lhe a ella unicamente pelos olhos porque Rosinha, a bem dizer, nunca ria. Vé lá se seriam grandes ou não os olhos d'uma pequenita assim!

Era magra, tinha os braços finos e as mãos afiladas e descarnadas como as d'uma senhora em ponto muito pequeno. Chegavam a metter respeito, apezar da sua pequenez, pelo que eram de pallidas e pelas veias azues que se lhe viam quando ella as cruzava no peito como a santa de um altar para contar a fadiga ou a tosse que a soffocava ao mais leve osforço. Era meiga como um cordeirinho sem mãe que a gente crie por caridade com o leite do seu almoço, e tão açada quanto póde sél-o uma camelia quando acaba de se colher com o orvalho em cima.

Passava horas e horas com a

face no seio de sua mãe, beijando-a longa e docemente na bocca e nos olhos, e brincando-lhe devagarinho com alguma madeixa solta do cabello, com as medalhas do bracelete, ou com as rendas da camisa, que se lhe viam no peito por dentro do decote. Era tão socegada que nas sextas-feiras á noite os folhos do seu vestido de casa estavam ainda tão frescos e tão perfumados como no momento em que o vestira na quinta-feira de manhã!

—Tão boa d'alma e tão fraquinha de corpo, é do céu esta minina, diziam os pobres da aldeia beijando-lhe as mãos quando ella ao sahir da missa distribuia por elles os dinheirinhos que lhe tinham dado. Os medicos recommendavam sempre que a amimassem muito e a livrassem de commoções violentas.

O pae de Rosinha viajava, a mãe vivia com ella e com os seus creados em uma quinta que tinha.

Uma noite estavam juntas em uma sala que ficava rente com o jardim. Era tarde, todos se tinham recolhido, só elles se

roavam e não tinham somno, a mãe porque a estava comtemplando, ella porque dormira por algum tempo n'um sophá. Senão quando truz! truz! bate-se por fóra da janella que deitava para o parque. A mãe estremeceu. Rosinha abraçou-se n'ella com o coração a bater-lhe como o d'um canario que de repente se sente agarrado no poleiro, e fechado na mão da sua dona.

—Já sei quem é, observou a mãe. E' a vidraça que não ficou fechada e que está batendo nas portas. E levando uma luz para quarto contiguo disse e Rosinha:

—Fica por um instante aqui para te não constipares, em quanto eu vou fechar a janella

A menina esperou por um minuto, ou dois, mas parecendo-lhe—illusão por certo!—ouvir fallar confidencial e preceptadamente abriu a porta de subito e entrou outra vez na sala d'onde sahira.

A janella estava aberta e a cortina corrida. A luz do aposento espargia-se para fóra até alumiarem as arvores mais proximas.

sentirem em que se erija o systema da corrupção, como base da administração municipal.

Para isto occultou-se sempre dos proprios amigos do bando as listas que nas diversas eleições haviam de ser votadas. Embora todos reclamassem, os corruptos sabendo que calculadamente o partido regenerador, opposicionista, não iria á urna e que os revolucionarios d'entre os seus, estão por demais embaraçados em crimes que temem a acção da lei, deixaram-os barafustar e mandaram eleger quem lhes aprouve. Era de vêr como no proprio dia da eleição não se abria uma lista sem que o sarcasmo apparecesse no rosto de todos os circumstantes. E diziam todos: como é que um vendido, um moedeiro falso, o Carga d'Ossos emfim quer absorver os bens municipaes collocando-se em posição de occultar aos outros os roubos?

Nós sómente reproduzimos os commentarios de então.

O sr. Costa fôra expulso da presidencia da camara, porque aos ambiciosos não convinha aquelle estorvo—estorvo que sempre cedia quando qualquer Polonia ou outro se impunha. Mas a verdade é que desde que o sr. Costa se desilludiu do fim a que visara a politica dos cacetes e os crimes das arruaças e forcas, limitou-se a fazer administração, embaraçando os demais no caminho da corrupção.

O sr. Costa julgou ao principio que todos os crimes praticados tinham por alvo vingar a sua pessoa da demissão de medico do partido municipal: julgou que sentando-se na presidencia da camara o seu rival medico seria violentamente arremessado para longe eo povo occorreria a vir prestar ao expulso da vespóra todas as homenagens. O orgulho e o amor proprio são pessimos conselheiros, criam

aquellas fementidas illusões. A lucta com a sociedade, os crimes, tiveram simplesmente por fim alçar empregos e abeirar dos bens municipaes a malta esfaimada: não era a vingança pessoal, que queriam, era o dinheiro para alimentar os vicios contrahidos na vadiagem, na malandrice. Ao rival do sr. Costa conheceram o talento e a aptidão, em vez de o guerrear violentamente, procuram-o para se avençarem. Só um ou outro garoto querendo fazer jus ao emprego promettido ainda de longe em longe promovia uma arruaça de que todos se riam.

Por isso o sr. Costa desilludido converteu-se em estorvo para os ambiciosos.

Se as despezas com as eleições do cacete se fizeram, também foram pagas na sua maior parte. Nós perguntamos (e podiamos responder) d'onde é que sahio o dinheiro para esse pagamento?

Comparando a receita com a despeza de municipio vê-se que o saldo devia ser importantissimo, porque as despezas, durante o triennio que está a facha, quasi não passaram das despezas ordinarias. Deviam existir, repetimos, em cofre alguns contos de reis, pelo menos 8 contos. E esse dinheiro existe lá? por certo não, pois se existisse já os vereadores o tinham propalado. Para onde foi? Só o sabe a camara e os seus adeptos, os taes affectos em que uos fallou um celebre officio da administração do concelho.

«Se vos admiraes ainda vereis mais»—diz o povo quando se falla a respeito dos seus administradores; ou como aquella celebre velha dirigindo-se ao mau rei: «Os Deuses conservem a vida de vossa magestade para que não venha outro rei peor».

São por certo maus administradores municipaes os que agora administram, pois bem temos motivos para supor que os futuros não serão melhores. Para isso basta que

elles se deixem influenciar pelo Carga d'Ossos, o vendido d'hontem, o criminoso de todos os dias.

Tinham rasão os limonadas quando exigiam que lhes fosse mostrada a lista que se devia lançar na urna:—elles bem sabem que o Carga d'Ossos sómente procura illudir para roubar.

Novidades

Audiencias geraes.—Principiaram na sexta-feira as audiencias geraes n'esta comarca.

A' flla dos empregos.—Não ha duvida de que cada vez é maior o numero de aspirantes a empregos publicos. Metade da nação procura viver á custa da outra metade.

Isto vem a proposito da escolha do secretario para a administração do concelho. O sr. Costa propoz para aquelle logar um sobrinho seu Angelo Lima, menor, escrevente de um cartorio; a campanha de pesca de S. Lourenço, o padre Corteno, o Polonia e outros querem Carlos Valle, menor, escrevente de cartorio.

Qualquer dos propostos não pode ser nomeados segundo as disposições legaes, como também não podia ter sido nomeado no principio o que agora de lá sahio Fuderico. Mas a politica passa por cima de tudo e já nem é isso que preocupa os numerosos dos pretendentes.

A lucta esta travada na questão de influencias. Pergunta-se: quem vale mais? Eis o ponto principal.

Veremos o final da comedia. **Expropriações.**—Estão já approvadas as expropriações nos predios do reverendo Abade d'esta freguezia o exc.^{mo} snr. Manoel Fernandes Ribeiro da Costa por onde tem de passar a estrada que dos Pellames vae ao largo do Martyr S. Sebastião

Devem principiar em breve os trabalhos d'esta estrada.

Estrada.—Está em pessimo estado a estrada que das Pontes da Graça vae até a Praça d'esta villa. A quem compete pedimos providencias.

pantear o frio fingindo-se quente. Rosinha disse-lhe assim:

—Está muito triste mamam, que eu bem lhe conheço nos olhos que tem chorado muito... E tenho-a ouvido também, a soluçar ahí, aos pés da minha cama, julgando-me adormecida. Não nesse mais em mim. Eu sei que morro, mas que vou para o ceu. Não tenho medo de ficar sózinha. Quando eu lá chegar a cima hei-de pedir ao anjo da minha guarda que me leve a fallar com Deus, e eu mesmo lhe farei queixa d'aquelle homem negro que veio de noite metter-lhe medo, andando para traz diante de mim como phantasma, e escondendo os olhos no manto preto. Heide exigir mesmo, em nome da mamam que elle fique enraizado no parque, immovel no meio das arvores, para que o papá ainda o encontre quando voltar, e com a força que elle tem, lhe descubra o rosto e ralhe com elle... Abraçame agora, mamam, e verá como eu lhe vou dar com um beijo a consolação e a esperança...»

A mãe ergueu as mãos para um crucifixo que estava pendurado no muro e bradou-lhe:

—Deus do misericordia! ma-

BRISAS À BEIRA-MAR

A TI***

A risonha imagem tua
E' mais loura que o luar,
Mais brilhante do que a lua
Do que a barca feiticeira
Que além, nas ondas, flutua.

À beira-mar, fitando o azul bordado, os ceus
A doce viração, um barco á tona d'agua,
As lides amorosas com saudade e magua
Eu fui sentar-me um dia, anjo dos sonhos meus.

Tudo era bello. O mar bramia de mansinho,
O céu sereno e puro a sua côr mostrava...
Contemplei attento um barco que singrava,
Na azulada agua, e das ondinas bem pertinho.

Corria a brisa amena, delirante e tepida,
Era um encanto aqui, viver n'este jardim...
«Sentado n'um penedo, junto d'uma ermida
Ouvi um canto, um canto que dizia assim:»

Meu Deus!... quando fito essa gentil que adoro
E quando eu contemplo as suas faces bellas...
Vêr eu penso e julgo o rosto das estrellas.

Ella é meiga e doce como os seraphins;
Captiva-me a graça sua, a formosura...
E os seus róseos labios de doçura.

«Essa diva além nos ceus, gravada eu vi,
Divinal, assas galante, seductora...
E attirei-lhe um beijo á face *Sonhadora*».

Riu-se. E scintillar vi dos labios o amor,
Vi brotar qual rasgo dourado de luz...
Que a alma e o coração d'amor seduz.

Oh! senti-me louco! quiz fallar não pude,
—Preza eu tinha a voz.—Rir q'ria e então chorava
...Por *Ella* meu coração só suspirava.

Não estajas triste louco ouvi dizer
Junto ao teu amor, ao pé de quem te adora,
«Junta á minha, a tua face *Sonhadora*».

E á beira-mar fitava o azul bordado, os ceus,
A brisa que soprava, um barco á tona d'agua,
As lides amorosas com saudade e magua
A vêr se divisava o anjo dos sonhos meus.

Ovar, 26-11-89.

Lih.

Enquadrado no caixilho da vidraça estava direito como um phantasma e envolto n'um manto escuro um vulto parecia de homem e que ao encarar com Rosinha, recuou dois passos cobrindo o rosto com a capa.

Imagina que susto, Clarice! Ponha cada um o caso em si! Dizem os livros que se não deve acreditar em almas do outro mundo... Eu de mim não acredito, principalmente de noite. Mas, a fallar-te a verdade, tenho medo também. Tal qual como se acreditasse. Ainda mais talvez! Estou a contrat'o e estou a tremer. E mais sou homem! Rosinha que era a debelidade e a exaltação nervosa na mais stricta figurinha de menina que se pôde ver, expediu um grito estridente e dilacerante e cahiu como morta.

Voltou a si, ficou doente, de medo, com febre e com delirio.

Ao caho de oito dias ninguem podia vel-a sem chorar sobre o seu pepueno leito de faia branca e de setim azul. As palmas das suas mãosinhas escaldavam como ferro quente. Tinha a bocca secca, a respiração arquejante, e os olhos—os seus grandes olhos azues,—desmedidamente dilatados.

Quando a punham de lado e a conchegavam na roupa, submettendo-lh'a no hombro como a tua mamam te faz quando tu vaes dormir, tão delegadinho e exiguo o seu vulto, que apenas se conhecia que estava gente n'essa caminha rodeada de caricias, de susto, de hesitações e de esperanças, pelo movimento da respiração e pelo aspecto dos cabellos, cujos anneis se viam espalhados e confundido com as rendas do travesseiro, Quem lhe beijava a cabeça loira sentia o cheiro acre de febre misturado com esse perfume virginal das cabeças das creanças—perfume com que os paes inebriam e que se parece com o da plumagem interior de um ninho aquecido pelo seio amoroso do uma avesinha.

Por mais que lhe fizeram, por maiores que foram os esforços da medicina, por mais ardentes e desesperados que foram os mimos os cuidados e as orações materninas, Rosinha foi sempre a peor.

Um dia pareceu mais socegada e serena. Estava só com a mãe que a fitava engolindo o pranto e procurando sorrir á sua dôr com o mesmo esforço com que uma pessoa gelada procura es-

tae-me aqui! quo eu morra já, ou que enlouqueça ao menos!

Faze ideia, Clarice, como seria doloroso ouvir nssim a despedida extrema, tão coravel e terna, de uma filhinha que se adora, mais que se adora, mais de que tudo na terra e no ceul! Verdade seja que se reuniram pelo amor no outro mundo... Não querem dizer que as estrellas cadentes, que a gente vê de noite atravessar o espaço são as almas dos que se amaram na terra a procurárem-se para se encorpárem em uma só luz no firmamento? Não era já um penhor d'essa entrevista celestial o beijo derradeiro que a filha offerencia a mãe? Quando esta porém, se debruçava na cama para o receber Rosinha tinba a bocca aberta, os braços deslaçados, a cabecinha cahida para traz no travesseiro como um peso de chumbo, e os olhos vidrados, embaciados e immoveis. cravados na figura do anjo pallido e frio de alabastro, por cima de cujas azas abertas prendia o cortinado do leito. Estava morta.

Quando o pae voltou não encontrou no parque o phantasma negro. O jardim estava igualmente

só. Não viu ninguem. Nem a filha que lhe saltasse jubilosamente ao pescoço, nem a esposa que o cingisse ao coração. A menina estava já sepultada no seu tumulozinho do cemiterio do Alto de S. João, onde nós havemos de ir no dia de finados dispôr um canteiro de amores perfeitos em testemunho da nossa saudade e plantar uma roseira em memoria do nome da defontinha gentil. A mãe tinha trocado aconchego dos seus aposentos, as arvores do seu parque, as flôres do seu jardim, e as alegrias da familia, pela solidão horrorosa de um quarto n'uma casa de alianados.

De hoje em diante, Clarice, quando fizeres a tua oração da noite, resa um padre-nosso a maior pelo homem negro, Ninguem sabe quem fosse, mas deve ser grande culpado, a quem Deus difficilmente perdoará, aquelle que esconde o rosto na capa para ver as creanças, e para não as beijar.

A commiseração para os criminosos como elle só pôdem pedil-a os innocentes como tu.

(Ramalho Ortigão.)

PHANTASMA

(K)

Contava-se n'uma povoação. Que, certa noite do mez de Janeiro, Negro phantasma entrava ligeiro, No cimiterio, por um portão.

Corria com terrôr esta versão. Mas n'uma d'essas noites o Coveiro, Por simples aposta é um fazendeiro, Esperou no adro com precaução.

Entrava um vulto que, chorando dizia, Sobr'uma campã onde ajoelhava, Quando virei fazer-te companhia?

Era uma joven que a dôr levava, A quella sepultura rara, fria, Que as cinzas do nôivo guardava.

Ovar, 28-11-89

F. M

Phantasma. — O povo ainda cria phantasmas, dizendes ou coizas equivalentes, que por bastante tempo atteram e infundem demasiado respeito pelo lugar onde apparecem. Nós tambem já creámos uma phantasma — o *Espectro* — mas o nosso só infundia terror e raiva a um vendido passador de moeda falsa e em tempos assassino de embuscada.

O caso é que os phantasmas ou apparições noturnas ainda não passaram de moda. Basta para isso que morra um grande larapio ou assassino e logo o povo diz que elle *anda apenas por este mundo*.

Vá lá alguém passar, em noites tempestuosas, pela rua da Oliveirinha... Dizem os moradores que o João, aquelle João que roubava os fragateiros em Lisboa, por aquella rua anda a penar, correndo constantemente do cahau do Barrêga até ao principio da rua dos Lavradores e fazendo um barulho terrivel. Alguns moradores affirmaram-nos que ha noites em que elle, ó phantasma principia logo depois das *Ave-Marias* e durante toda a noite anda a fazer estardalhaço.

Afinal de contas, dizem os moradores, o João vem pagar a este mundo o que cá fez. O dinheiro que roubou aproveita mas é a outros.

E ninguem os pode convencer do contrario.

Acahir — Dizem-nos que foi eleito para a junta da parochia o sr. João, mano dos snrs. padres e de profissão medico-cirurgião. Ao que mais se diz o sr. João ficará sendo presidente da junta, tendo vindo de vice-presidente da comarca.

Não se percebe bem esta descida ou antes não se percebe bem como é que o sr. João consentiu em se deixar eleger para cargo tão pouco importante. Visto isso ainda não desanimamos de o vêr posto fóra da parochia e ser-lhe dado como premio de consolação o juizado de qualquer irmandade. Ao menos sr. João, vá para a dos Passos, porque manda sobre os judeus.

Mas sr. João, para se entreter nas horas vagas va aprendendo a tocar rufo em qualquer philharmonica cá da terra. Foi a inspiração musical que lhe rebentou agora com toda força. Vai bem, não ha duvida.

Desastre. — Ha dias um comboyo ascendente matou juncto á passagem do nivel da Ponte da Pedra, freguezia de Vallega dous bois que iam atravessando a linha.

Philharmonica — Sao hoje á rua pela primeira vez uma nova philharmonica d'esta villa.

Ha pouco tempo ainda esse grupo do rapazes que compoem a philharmonica ignorava as mais elementares noções de musica. Porem devido á sua muito boa vontade e estudo tem, ao que nos dizem, feito muitos progressos.

Estimamos deveras que continuem progredindo.

A velha philharmonica tem tambem hoje a sua casa embandeirada, tocando alli durante o dia. Desde que principiou a rixa entre estas duas sociedades — a nova e velha — esta tem estudado muito, subindo á verdadeira altura da sua antiga fama.

ANNUNCIOS JUDICIAES

ARREMATACÃO

No dia 1.º de dezembro proximo futuro por meio dia á porta do Tribunal da comarca sita na casa desta villa, vai a praça no valor de rs. 174\$000, na execução de sentença que Antonio José, e mulher, da rua do Picoto, move contra Margarida Rosa de Jesus, viuva da travessa do Picoto, desta villa, o direito e acção, que a executada tem á quantia de 349\$998 rs. arrestado em partes iguaes a Rosa do Carmo Pereira Lima Elduce da Conceição de Lima solteiras, e João Anselmo José de Lima e mulher todos da Praça, desta villa, e que tem de sahir do capital de 1:000\$000 rs. que estes, como herdeiros de sua falecida mai Rita Pereira de Rezende, viuva, estão devendo á referida executada.

Ovar 14 de novembro de 1889.

Verifiquei a exactidão O Juiz de direito.

Salgado e Carneiro.

Eduardo Elizio Ferraz d'Abreu

EDITOS

(1.ª publicação).

Pelo Juizo de Direito da comarca d'Ovar, e cartorio do escrivão do quarto officio, correm editos de quarenta dias, contados da segunda publicação do annuncio respectivo no «Diario do Governo», citando o ausente em parte incerta no Imperio do Brazil, Manoel Pereira Vallente, solteiro, do lugar do Bustello, freguezia de Vallega, d'esta comarca, para na segunda audiencia d'este Juizo, depois de findo o prazo dos editos, ver accusar a citação e seguir os demais termos até final da acção com processo ordinario que contra elle e contra Antonio Pereira Valente e mulher, lavradores, do lugar do Porto Lanhoso, Custodio Pereira Valente e mulher, lavradores, do lugar do Bustello, Antonio Pereira Valente, solteiro, e Maria da Silva da Fonseca e marido Manoel Pereira de Rezende, do Bustello, todos de Vallega, estes dois ultimos e o citado como representante de seu falecido pae Manoel José Pereira, move José Pereira Valente, proprietario, natural do lugar de Porto Lanhoso, da mesma freguezia, mas residente na cidade de Belem,

do Pará, Imperio do Brazil, e na qual allega—«Que em 16 de Março de 1882, os reus propozeram uma acção especial para se habilitarem como herdeiros dos auctores com o fundamento d'este se achar ausente havia mais de 30 annos sem haver noticias, e esta acção foi julgada procedente e provada por sentença em 13 d'Outubro de 1882, que passou em julgado—Que os reus tomaram posse dos bens que ao auctor pertenciam [por fallecimento tanto de seu pae Manoel Pereira Salgado como de sua mãe Thomazia Pereira, moradores que foram no lugar de Porto Lanhoso, de Vallega, que são os constantes (bens) do documento numero segundo que aqui se dá como reproduzido para os devidos effeitos—Que depois que os reus Antonio Pereira Valente, Custodio Pereira Valente, Maria da Silva Fonseca e marido souberam que do Pará tinha chegado a procuração do auctor para a entrega dos bens, principiam a cortar pinheiros d'alguns predios da herança e a cortar o matto, causando prejuizos no valor de 23\$500 rs, o que afinal se liquidara—Que auctor e reus são os proprios em juizo e partes legitimas na presente acção. E conclue dizendo que deve julgar-se procedente e provada a presente acção, e por elles serem condemnados os reus a entregar ao auctor os bens que receberam por virtude da sentença de 13 d'Outubro de 1882, e são os constantes do documento numero dois, e os reus Antonio Pereira Valente, Custodio Pereira Valente, Maria da Silva da Fonseca e marido condemnados além de isso na indemnisação dos prejuizos causados nos predios do auctor, e todos nas custas do processo e despezas de procuradoria.

As audiencias n'este Juizo fazem-se ás segundas e quintas feiras de cada semana, não sendo santificados, porque sendo-o fazem-se no dia immediato.

Ovar, 21 de Novembro de 1889.

Verifiquei,

O Juiz de Direito

Salgado e Carneiro.

No impedimento do respectivo

O Escrivão,

Antonio dos Santos Sobreira.

ARREMATACÃO

No dia 15 de dezembro do corrente anno, por meio dia á porta do tribunal da comarca, se ha de proceder á arrematação d'uma terra inculta com inteste de praia, denominada o Canta da Moita, sita no lugar, da Moita, freguezia d'Ovar, avaliada em 150\$000 reis, no inventario de menores a que se procede por obito de Dionizio Ferreira Viella, da rua das Neves, de esta villa; com declaração de que a contribuição de regis-

tro e despezas da praça serão por conta do arrematante.

Ovar, 23 de Novembro de 1889.

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito

Salgado e Carneiro.

O Escrivão,

Eduardo Elizio Ferraz de Abreu

ANNUNCIO

AGRADECIMENTO

Os abaixo assignados agradecem somamente penhorados a todas as pessoas que os visitaram e se dignaram assistir ao funeral de sua chorada irmã e madrinha Anna Rosa de Jesus Baptista. Pedem desculpa de qualquer falta involuntaria

Vallega 28 de novembro de 1889.

Manuel Maria d'Oliveira Baptista.

Maria Rosa de Jesus Baptista.

José Maria de Sá Fernandes.

Adelina Augusta d'Azevedo Antas e Sá.

ALVIÇARAS

Perdeu-se no dia 28 de setembro do corrente anno e desde a Ponte Nova até ao principio da Matta Municipal pela estrada que se dirige a Maceda, um objecto d'ouro.

N'esta redacção se diz quem é o dono.

Dão-se alviçaras a quem o entregar.

COMES LEAL

PROTESTO D'ALGUEM

CARTA

AO IMPERADOR DO RBrazil

EDIÇÃO DE LUXO

Opusculo ornado com o retrato do auctor e uma lindissima capa a chromo impressa em magnifico papel, contendo o retrato do Imperador.

Protesto por meio da linguagem da Poesia, contra a tentativa de assassinato na pessoa do Imperador, contra o crime em particular e contra o regicidio e a sangueira em geral.

Preço 200 reis, pelo correio 220 reis

LIVRARIA CIVILISAÇÃO de Eduardo da Costa Santos & Sobrinho, editores—Rua de Santo Ildefonso, 4 a 12—PORTO.

Vinho da Bairrada

Vendem-se 10 pipas de vinho maduro de boa qualidade e da Bairrada.

E' encarregado da venda Francisco Joaquim Barbosa de Quadros.

PRAÇA

ARCHIVO

HISTORICO DE PORTUGAL

Collecção de apontamentos curiosos relativos a todas as cidades e villas do reino, com as gravuras dos respectivos

BRAZÕES DE ARMAS

noticia da fundação, acontecimentos notaveis, monumentos, etc.

O ARCHIVO HISTORICO DE PORTUGAL é uma publicação utilissima a todos os patriotas, a quem não póde ser indifferente, porque encontram n'ella—a breves traços—a historia do paiz, por forma mais grata e dividida pela parte com que cada cidade ou villa contribuiu para o engrandecimento commum.

A historia, como geralmente se escreve, isto é, pela chronica de cada reinado, é a historia aristocratica, a resenha dos successos derivados do poder e como dependentes da acção real ou governamental.

Os annaes das cidades e villas do reino, como estamos publicando, é a historia do povo, a narração dos soffrimentos e dos esforços de cada localidade, a lenda dos rasgos de abnegação, da coragem e da lealdade de cada concelho, e que só incidentemente são narradas nas chronicas antigas.

E' um trabalho de vastissimo alcance e que só nos atrevemos a emprehender confiados nos sentimentos patrioticos e no amor da instrucção, que hoje geralmente dominam todas as classes.

Em cada numero se attende ás seguintes secções;

Fundação—Agrupamento de todas as versões, quando as haja, referentes ás povoações; que povos as dominaram nos tempos remotos; rasão do nome, etc., etc.

Batalhas—Resenha das luctas de que foram theatro; maneira porque se portaram os habitantes; consequencias advindas d'essas luctas para a localidade.

Monumentos—Noticia das curiosidades archeologicas, naturaes ou artisticas—que se encontrem nas localidades.

Acontecimentos notaveis de qualquer natureza, que mereçam referencias.

Brazão de armas—Descricao de cada um, com sua respectiva gravura, e noticia dos factos a que são allusivos os emblemas.

Varões illustres—Naturaes de cada localidade ou que n'ellas se distinguiram de qualquer forma, e a illustraram por suas virtudes, saber, valor, ou outros quaesquer predicados.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Serie de 26 numeros (3 mezes)..... 500 réis
Idem de 52 numeros (6 mezes)..... 1\$000 réis

A correspondencia deve ser dirigida para o escriptorio da empreza, Rua do Terreirinho n.º 17, 1.º—LISBOA.

Nossa Senhora de Paris

por VICTOR HUGO

Romance historico illustrado com 200 gravuras novas compradas ao editor parisiense

EUGÈNE HUGUES

Depois dos MISERAVEIS é o romance NOSSA SENHORA DE PARIS a obra mais sublime de Victor Hugo. Cheio de episodios surprehenentes, de uma linguagem primorosa, a sua leitura eleva o nosso espirito ás regiões sublimes do bello e inunda de enthusiasmo a nossa alma, levando-nos a ributar ao grande poeta francez a admiração mais sincera e illimitada

A sua traducção foi confiada ao illustre jornalista, portuense, o dxc.^{mo} snr. Gualdino de Campos, d a obra completa constará d'um volume magnificamente impresso em papel superior, mandado expressamente fabricar em uma das erimeiras casas de Milão.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

A obra constará de 4 volumes ou 18 fasciculos em 4.^o, e illustrado com 200 gravuras, distribuido em fasciculos semanais de 32 paginas, ao preço de 100 reis, pagos no acto da entrega. Para as provincias o preço do fasciculo é o mesmo que no Porto, franco de porte, mas só se acceitam assignaturas vindo acompanhadas da importancia de cinco fasciculos adiantados. A casa editora garante a todas as pessoas que angariarem qualquer numero de assignaturas, não inferior a cinco, e se responsabilisarem pela distribuição dos fasciculos, a commissão de 20 por cento. Acceitam-se correspondentes em todas as terras do paiz, que dêem abono á sua conducta.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a

LIVRARIA CIVILISAÇÃO

DE

Eduardo da Costa Santos, editor

4, Rua de Santo Ildefonso, 4 PORTO

LIVRARIA CHARDRON

A reproducção desleal, feito no livro BOHEMIA DO ESPIRITO editada pelo snr. Costa Santos, das obras abaixo mencionadas, prejudicando a sua venda, obriga esta casa editora e proprietaria a fazer uma grande redução nos preços das mesmas.

GRAND RABAIS
CAMILLO CASTELLO BRANCO
GARTA DE GUIA DE CASADOS, por D. Francisco M. de Mello (Prefacio) Avulso 360—180 reis
A ESPADA D'ALEXANDRE... 240—120 »
LUIZ DE CAMOES, notas typographicas av. 400—200
SENHORA RATTAZZI
1.^a edição... av. 160—60 »
2.^a edição... av. 200—100 »
QUESTAO DA SEBENTA (aliás) *Bollas e Bullas*:
Notas á Sebenta do dr. A. C. Callisto... av. 60—30 »
Notas ao folheto do dr. A. C. Callisto... av. 60—30 »
A Cavallaria da Sabenta... av. 100—50 »
Segunda carga da cavallaria... av. 150—75 »
Carga terceira, trepluca ao padre... av. 150—75 »

ODA A COLLEÇÃO 600 REIS

Todas estas obras foram vendidas em diversas epochas pelo auctor o fallecido Ernesto Chardron.
LUGAN GENELIOUX, successores, Clerigos, 960—PORO.

A MARTYR

A melhor publicação de Emile Richebourg auctor dos interessantes romances: A MULHER FATAL: DRAMAS MODERNOS e outros

1.^a parte, TREVAS
2.^a parte, LUIZ

3.^o parte, ANJO DA REDEMPÇÃO
Edicção illustrada com magnificas gravuras francezas e com excellentes chromos executados na lithographia Guedes.

VER SO DE JULIO DE MAGALHÃES

10 rs. cada folha, gravura ou chromo

50 Reis por Semana DO BRINDE A CADA ASSIGNANTE

A^a SORTE PELA LOTERIA—100000 em 3 premios para o que receberão os sr. assignantes em tempo oportuno uma cautela com 5 numeros.

No fim da obra—Um bonito album com 2 grandiosos panoramas de Lisboa sendo um, desde a estação do caminho de ferro do norte até á barra (19 kilometros de distancia) e outro é tirado de S. Pedro d'Alcantara, que abrange a distancia desde a Penitenciaria e Avenida até á margem sul do Tejo.

Assigna-se no escriptorio da empresa editora Belem & C.^a, rua da Cruz de Pau, 26, 1.^o—Lisboa.

A *Gazeta dos Tribunaes Administrativos* publica-se por series de 12 numeros, devendo publicar-se regularmente 2 numeros em cada mez.

Conterá, além d'accordãos de diversos tribunaes de primeira e segunda instancias, artigos sobre direito e forma de processo, especialmente administrativo. Publicará também a legislação mais importante que se for promulgando, já no proprio jornal, já em separado, se este a não poder conter, mas sem augmento de preço para os senhores assignantes.

Preços da assignatura

Por serie de 12 numeros (6 mezes)..... 1\$200
Por duas series (um anno) 2\$400
Não se acceitam assignaturas por menos de 12 numeros, pagas adiantadamente.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Redacção da «Gazeta Administrativa» — Villa Real.

Aos cavalleiros a quem dirigimos este primeiro numero do nosso jornal, pedimos a fineza de o devolver, quando não queiram ou não possam ser considerados assignantes.



Pará, Maranhão, Ceará e Manaus, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e Rio Grande do Sul.

Para os portos acima indicados, vendem-se passagens de 1.^a, 2.^a e 3.^a classes, por **preços sem competencia**, abonando-se comboyo aos passaseiros e transporte para bordo.

Para esclarecimentos e bilhetes de passagem, trata-se em Aveiro, com Manuel José Soares dos Reis, rua dos Mercadores, 19 a 23; e em Ovar—rua dos Campos, com o snr.

Antonio da Silva Nataria.

NÃO HA MAIS DÔRES DE DENTES!
Por meio do emprego dos
Elizir, Pó e Pasta dentificios
dos
RR. PP. BENEDICTINOS
da ABBADIA de SOULAC (Gironde)
DOM MAGUELOUVE, Prior
2 Medalhas de Ouro: Bruxellas 1880 — Londres 1884
AS MAIS ELIVADAS REGOMPENSAS
INVENTADO 1373 Pelo Prior
NO ANNO Pierre BOURSAUD

« Uso quotidiano do **Elizir Dentificio** dos RR. PP. Benedictinos, com dose de algumas gottas com agua, prevem e cura a carie dos dentes, embranqueceos, fortalecendo e tornando as gengivas perfeitamente sadias.
« Prestamos um verdadeiro serviço, assignalando aos nossos leitores este antigo e utilissimo preparado, o melhor curativo e o unico preservativo contra as **Affecções dentarias.** »

Casa fundada em 1807 **SEGUIN** 106 e 108, rue Croix-de-Seguey
Agente Geral: **BORDEOS**
Deposito em todas as boas Parfumerias, Pharmacias e Droguerias.
Em Lisboa, em casa de R. Sargeyre, rua do Ouro, 100, 1.^o

NOVA LEI DO RECRUTAMENTO

APPROVADA POR
Lei de 12 de setembro de 1887.

Precedida do importantissimo parecer da camara dos snrs. deputados

Preço 60 réis
Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas
A livraria—CRUZ COUTINHO—Rua dos Caldeireiros, 18 e 20 PORTO

Vende-se duas terras lavradas, com oito alqueiros e tanto de sementeira; sendo uma sita na Bocca-do-Rio, e outra nas Hortas, pertencentes ao snr. Fernando de Oliveira Folha.

Para tratar com Antonio Pereira Magina.

LARGO DE S. THOMÉ
Ovar, 16 de maio de 1888.

GUIA DO NATURALISTA
Colleccionador, preparador e conservador
POR
EDUARDO SEQUEIRA

2.^a edição refundida e illustrada com 131 gravuras

1 vol. br. . . . 500 reis
Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas ou vales do correio
A^a Livraria—Cruz Coutinho—Editora. Rua dos Caldeireiros, 18 e 20. Porto.

REGULAMENTO

DA
CONTRIBUIÇÃO DE REGISTO

Com as alterações feitas pelo decreto de 22 de dezembro de 1887

COM OS RESPECTIVOS MÓDELÓS
Preço 80 rs.

Qualquer d'estes Regulamentos se remette pelo correio franco a de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas

A^a livraria—Cruz Coutinho—Editora. Rua dos Caldeireiros, 18 e 20.—Porto;

Editores—Belem & C. Rua do Marechal Saldanha, 26, Lisboa.

INSTRUÇÃO

DE

CEREMONIAS

EM QUE SE EXPOE O MODO DE CELEBRAR
O SACROSANTO
SACRIFICIO DA MISSA
POR UM SACERDOTE
D. C. D. M.

NOVA EDIÇÃO MELHORADA
APPROVADA PARA O SEMINARIO DO PORTO
PELO
EXC.^{mo} E REV.^{mo} SNR. CARDEAL

D. AMÉRICO FERREIRA DOS SANTOS SILVA
BISPO DO PORTO.

Preço 500 rs.
Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas

A livraria—Cruz Coutinho—
Editora. Rua dos Caldeireiros, 18 e 20. Porto.

BELEM & C.^a

mpresa Editora — erões Romanticos

26, Rua do Marechal Saldanha
(Cruz de Pau), 26—LISBOA

Os amores do assassino

POR

M. JOGAND

O melhor romance francez da actualidade
VERSÃO DE
JULIO DE MAGALHÃES
Edicção ornada com magnificas gravuras e excellentes chromos a finissimas côres

BRINDES A TODOS OS ASSIGNANTES NO FIM DA OBRA

UM ALBUM DA BATALHA contendo as seguintes vistas d'este magestoso monumento historico, que é incontestavelmente um dos mais perfeitos que a Europa possui, e verdadeiramente admiravel debaixo do ponto de vista architectonico:

Fachada principal, fachada lateral, portico da igreja, interior da mesma, tumulo de D. João I (o fundador,) entrada para a casa do capitulo, interior das capellas imperfeitas e arco da entrada, algumas vistas dos claustros e jazigos dos infantes.

NO MESMO ALBUM

A fachada da igreja d'Alcobaça, os tumulos de D. Pedro I e de D. Ignez de Castro e o panorama de Leiria. Este album compõe-se de 20 paginas. A empresa pede aos seus estimaveis assignantes toda a attenção para este valioso brinde, e promete continuar a oferecer-lhes, em cada obra, outros albums, proporcionando-lhes uma

collecção equal e escrupulosamente disposta das vistas mais notaveis de Portugal. Os albums 1.^o e 2.^o es Lisboa, Porto, Cintra e Belem estão publicados.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Chromo 10 rs.
Gravura 10 rs.
Folhas de 8 pag. . 10 rs.
Sairá em cadernetas semanais de 8 folhas e uma estampa.
30 REIS SEMANAES

OS MISERAVEIS

POR

VICTOR HUGO

Explendida edição portuense illustrada com 500 gravuras

Em virtude dos muitos pedidos que temos recebido para abrimos uma nova assignatura d'este admiravel romance que comprehende 5 volumes ou 70 fasciculos em 4.^o optimo papel e impressão esmeradissima, sendo illustrado com 500 gravuras, resolvemos fazel-o nas seguintes condições:

Os srs. assignantes podem receber um ou mais fasciculos cada semana ao preço de 100 reis cada um, pago no acto da entrega. Também podem receber aos vol. mesi brochados ou encadernados em magnificas capas de percalina, feitas expressamente na Allemanha, contendo lindissimos desenhos dourados

Preço dos volumes:—1.^o volume brochado, 1\$550 reis, encadernado 2\$400 reis; 2.^o vol. brochado, 1\$350 reis, encadernado 2\$200; 3.^o vol. broch. 1\$250 rei encadernado 2\$100; 4.^o vol. broch. 1\$650 reis, encadernado 2\$500 5.^o vol. broch. 1\$450 reis, encadernado 2\$300. A obra completa em brochura, 7\$250 reis; encadernada 11\$500 reis.

Para as provincias os preços são os mesmos que no Porto, franco de porte; e sendo a assignatura tomada aos fasciculos, serão estes pagos adiantados em numero de cinco. A casa editora garantem todos os individuos que angariarem 5 assignaturas a remuneração de 20 por cento, ficando os mesmos encarregados da distribuição dos fasciculos.

Acceitam-se correspondentes em todas as terras do paiz.

N. B.—Os preços acima exarados são assim estabelecidos unicamente para Portugal.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

LIVRARIA CIVILISAÇÃO

DE

Eduardo da Costa Santos—editor

4, RUA DE SANTO ILDEFONSO, PORTO

HOTEL NO FURADURO

Silva Cerveira abriu no dia 15 de agosto um hotel e bilhar na rua principal da costa do Furadouro. No hotel encontra-se as moiores comodidades, limpeza e preços convidativos.